

10 JUL 1992 JORNAL DO BRASIL

A rota da prosperidade

Márcio Fortes *

Abertura dos mercados: esta foi uma das principais recomendações dos empresários aos governantes, em especial aos da América Latina, na Conferência Rio-92.

Como homens de empresa, convencidos da importância do desenvolvimento sustentável, aproveitamos nosso direito à voz na Conferência Mundial para mostrar aos chefes de Estado e de Governo que os mercados abertos são a pedra angular dessa mudança de rumo que é, na verdade, uma nova revolução econômica.

O crescimento econômico limpo e equitativo — a essência de desenvolvimento sustentável — requer um uso mais eficiente dos recursos. Tornar esse crescimento possível é, sem dúvida, o maior desafio para a indústria e o empresariado. Esta opção só se viabiliza a partir de um sistema de mercados abertos — e competitivos. Que é a base para um contínuo avanço da eficiência em todas as atividades econômicas.

Nossa experiência na América Latina mostra que quanto mais abertos forem os mercados mais eficiente será a gestão dos recursos, notadamente os recursos naturais. Um valor maior será produzido por unidade de matéria-prima.

Além de maior eficiência, mercados abertos significam maior concorrência e, graças a ela, maiores inovações. Surgem novos processos, novos produtos, novas formas de financiamento, novas estruturas de comercialização e de organização. A competição, inerente aos mercados livres, estimula os produtores a economizar recursos; e a evitar a poluição, porque ela significa desperdício. A competição é a força motriz para a

criação de novas tecnologias, necessárias para usar os recursos com mais eficácia e, assim, eliminar os danos ambientais. Além disso, num mercado competitivo é mais simples harmonizar lucro com interesse público. A própria concorrência controla, nesse caso, a ação empresarial.

Nos mercados abertos, os preços podem ser fixados de modo a refletir os custos dos bens da natureza. A obtenção da eficiência depende diretamente do preço dos bens. Quando a água e a terra, por exemplo, são gratuitas ou subsidiadas, quando a energia é praticamente doada, serão elas usadas sem medidas. Por isso o desenvolvimento sustentável só será alcançado se os preços dos recursos naturais forem verdadeiros.

Por gerarem mais empregos, os mercados abertos e competitivos atendem melhor às demandas sociais e criam oportunidades para as camadas mais pobres da população. Os mercados livres têm o mesmo fundamento das outras formas de liberdade e convivência social que felizmente se propagam pelo planeta neste fim de século, no Leste Europeu, na Ásia e na América Latina, como a democracia e o respeito pelos direitos humanos. A liberdade econômica é inseparável da liberdade política.

Aliás, os obstáculos que impediam a livre participação dos cidadãos no mercado foram uma das causas do eclipse das economias estatocratas no Leste Europeu. Como são a causa da morosidade na caminhada de muitos países em busca do desenvolvimento.

Se são tantas as vantagens dos mercados abertos, por que muitos mercados na América Latina permanecem fechados, e manietados pelo Estado? É que, embora já se vislumbre uma inclinação para a abertura — como ocorre no Brasil —, os embaraços e resistên-

cias são grandes, porque são grandes os interesses contrariados. Interesses cevados no cartorialismo, nas reservas de mercado. E difíceis de remover, porque o cartorialismo, como o clientelismo, está cristalizado em nossas estruturas políticas e econômicas desde as sesmarias, desde o remoto passado colonial.

Interesses cevados em moldes patrimonialistas de dominação — o hábito de políticos, burocratas e agregados de apropriarem-se do Estado como se fora propriedade pessoal.

Engordados pela corrupção, esses grupos agredem tão escancaradamente os códigos de ética pública que — como vemos no Brasil — terminam por desencadear a repulsa geral da sociedade. A eles não interessam os mercados abertos, que implicam transparência e controle social. A liberdade de iniciativa é uma decorrência da democracia.

Ao contrário da maioria dos países latino-americanos, as nações modernas, que já vivem economias viçosas, a elas chegaram a partir de dois pré-requisitos: praticam uma política macroeconômica estável, com regras claras; e contam com mercados abertos, integrados aos mercados externos.

Este fim de século comprovou mais uma vez a superioridade da economia de mercado sobre os outros sistemas econômicos. A economia de mercado é a forma superior de criação de riquezas. Ela oferece à sociedade o caminho mais curto e venturoso para atingir as metas da igualdade e da prosperidade no presente, garantindo ao mesmo tempo, por meio da preservação dos recursos da natureza, o bem-estar e a própria vida das gerações futuras.

* Diretor, no Brasil, do Business Council for the Sustainable Development, organismo vinculado à ONU